

ÁGUAS DO BRASIL



Revista editada pela REBOB Rede Brasil de Organismos de Bacia - Março /2014 - Ano 4 - Número 9



aguasdobrasil.org

EDIÇÃO ESPECIAL

**BRASIL EM
FOCO NA
GESTÃO DE
ÁGUAS.**

8º

Fórum Mundial
da Água

Brasília-Brasil
2018

BRASÍLIA DF - BRASIL



06



Brasil vai sediar 8º Fórum Mundial da Água em 2018

10



Uma grande oportunidade para a agenda da água
Vicente Andreu Guillo, Diretor Presidente da ANA

12



Entrevista com o Superintendente da Agência Nacional de Águas: Ricardo Andrade

16



A proposta Brasileira



Brasília - A Cidade Sede

26

Expediente

DIREÇÃO EXECUTIVA E COORDENAÇÃO
TÉCNICA
REBOB Rede Brasil de Organismos de Bacias
Hidrográficas.

SUPERVISÃO TÉCNICA E ARTÍSTICA
Lupércio Zirolto Antônio

DIAGRAMAÇÃO, PRODUÇÃO E REVISÃO
Excelent Midia Publicidade
+55 18.3634-1782

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Beatriz Bugiga - MTB: 58244/SP

EDIÇÃO
REBOB Rede Brasil de Organismos de Bacias
Hidrográficas.

Rua Silveiras, 100 - 16200.914
Birigui, SP
Fone: +55-18-3642.3655
rebob@rebob.org.br
www.rebob.org.br
www.aguasdobrasil.org





Brasília: Capital Mundial da Água em 2018

Meus amigos e amigas das águas.

Este final de fevereiro de 2014 trouxe para nós brasileiros um extraordinário presente.

Nosso imenso Brasil vai sediar em 2018 o 8º Fórum Mundial da Água. A definição aconteceu na cidade de Gyeongju, Coréia do Sul, durante a 51ª Reunião do Conselho Mundial da Água e a cidade escolhida foi Brasília, o coração político do Brasil e o local ideal para que técnicos de todo o planeta compartilhem conhecimento, experiências e fundamentalmente, benefícios e soluções para os recursos hídricos.

Muito mais que uma notícia alvissareira em nosso meio, esta escolha coloca o Brasil nestes próximos quatro anos no centro do cenário mundial no que se refere à temática água. E fortalece ainda mais todo o trabalho magnífico que vem sendo desenvolvido em nosso país em prol das águas por todos os segmentos que constituem nosso Sistema de Recursos Hídricos.

O Fórum Mundial da Água, organizado pelo Conselho Mundial da Água, é o mais importante evento do planeta no setor dos recursos hídricos e tem como objetivo primordial promover o diálogo para influenciar o processo decisório sobre a água no nível global, focando sempre o aproveitamento racional e sustentável deste recurso.

Por sua abrangência política, técnica e institucional, o Fórum tem entre suas características a participação aberta e democrática, traduzindo-se num evento de grande relevância na agenda internacional. Provoca a integração de milhares de pessoas envolvidas de mais de uma centena de países nos debates que buscam sempre a qualidade e quantidade de água necessária para a segurança hídrica nas bacias.

Neste contexto, o Brasil se posiciona como grande indutor de boas práticas. Somos um país de múltiplas faces territoriais que pode oferecer, apresentar e trocar grande número de experiências e liderar um processo efetivo de boa gestão das águas, fundamentalmente porque detemos entre tantos números, 12% da água doce do mundo, dois dos maiores aquíferos do planeta e ocupamos a quinta posição em área geográfica total além de 47,7% do território da América do Sul.

Nestes tempos de globalização, onde parece que o tempo acelerou os problemas do clima e da sociedade, estamos vendo que o habitante deste planeta imenso começa a perceber que sua relação com a água é muito maior do que ele imaginava.

Em tese, a verdade é uma só. Durante séculos o homem semeou a ideia de que a água é infinita, nunca se acabará sobre a terra. Entre suas ações durante décadas, desenvolveu um modelo de desenvolvimento que ao mesmo tempo em que tem como insumo primordial a água, não se preocupou em retorná-la ao seu habitat nas mesmas condições que retirou. Por outro lado, indiretamente, provocou o êxodo do homem do campo para a cidade com ofertas de emprego fácil num mundo desenvolvimentista e esqueceu que estes homens protegiam suas nascentes.

Hoje, dado o cenário que se configura, a sociedade foi diretamente colocada no centro das discussões. Todos precisam participar dos necessários debates dentro de uma bacia hidrográfica para a efetiva gestão dos recursos hídricos.

Assim, numa situação que nos favorece, temos ainda em nosso país, um efetivo e democrático processo de gestão participativa e integrada dos recursos hídricos, envolvendo toda a sociedade neste modelo através dos mais de 250 Organismos de Bacias Hidrográficas hoje já instalados em nosso país, num contingente que relaciona mais de 90 mil pessoas direta e indiretamente dos mais diferentes segmentos da sociedade brasileira e dos setores técnicos, político, acadêmico e privado nas ações pela conservação, proteção, desenvolvimento, planejamento, gerenciamento e uso eficiente da água.

Parabéns Brasil. Parabéns Brasília. Vamos aproveitar esta grande oportunidade para fortalecer ainda mais o nosso processo de gestão das águas e mais ainda, definitivamente colocar a água na agenda política de nosso país.



LUPÉRCIO ZIROLDO ANTÔNIO
Presidente da REBOB e da Rede Internacional de
Organismos de Bacia rebob@rebob.org.br







BRASIL VAI SEDIAR

8º FÓRUM MUNDIAL DA ÁGUA EM 2018



51ª Reunião do Conselho Mundial da Água

Gyeongju, Coréia do Sul.

Mil anos de história e agora um registro inédito para nosso país.

No último dia 26 de fevereiro, em sua 51ª Reunião, os Governadores do Conselho Mundial da Água definiram que o 8º Fórum Mundial da Água a se realizar no ano de 2018 acontecerá no Brasil, na cidade de Brasília, o coração político de nosso País e o local ideal para que técnicos de todo o planeta compartilhem conhecimento, experiências e fundamentalmente, benefícios e soluções para os recursos hídricos.

A reunião do Conselho Mundial da Água que teve uma pauta extensa e profícua discutindo entre tantos importantes assuntos, estratégias para implementação de ações relacionadas à segurança hídrica, água e energia e segurança alimentar nos aspectos de vários projetos

em desenvolvimento, teve seu momento alto no final quando após as apresentações de Brasil e Dinamarca que defendiam as candidaturas de Brasília e Copenhague, o Brasil deteve 23 votos contra 10 da Dinamarca e se credenciou para ser a capital da água no planeta em 2018.

Presente na reunião, o Governador do Distrito Federal Agnelo Queiróz, falou da importância para o Brasil sediar um evento deste porte, destacando que este fato possibilitará uma discussão aprofundada da temática água em nosso território nestes próximos quatro anos que antecedem o evento, firmando de forma definitiva a água na agenda política do país. “Somos um país rico em água e deveremos fazer um grande evento no país, trocando experiências com outros países e mostrando nossa grande capacidade de gestão participativa”, destacou o Governador.

Ricardo Medeiros de Andrade, Superintendente da ANA e Governador do Conselho Mundial da Água, que defendeu na reunião a candidatura brasileira, falou da grande responsabilidade que teremos na organização deste evento mundial e destacou a importância do trabalho a ser desenvolvido pela Seção Brasil do Conselho que agrega grandes empresas públicas e privadas e grandes entidades em nosso país. “Teremos um fortalecimento na integração dos objetivos, das metas e das ações em nosso país no que se refere aos recursos hídricos, de tal forma que em 2018 receberemos mais de 30 mil técnicos de vários países do mundo e poderemos debater a preservação deste líquido primordial para a vida humana”.



Delegação brasileira em Gyeongju Coréia do Sul



O Brasil tem atualmente 45 membros no Conselho Mundial da Água.

A importância de todo o trabalho que vem sendo desenvolvido em nosso país foi também um dos motivos para a escolha. Segundo Lupericio Zirolto Antonio, Presidente da Rede Internacional de Organismos de Bacia e Governador do Conselho Mundial da Água, os resultados advindos da prática da gestão participativa praticada no Brasil pelos Organismos de Bacia que envolve todos os segmentos da área são hoje exemplo mundial no setor de recursos hídricos.

A vinda do 8º Fórum Mundial da Água para o Brasil será a primeira edição no hemisfério sul do planeta. Neste contexto, Newton Azevedo, vice-presidente da ABDIB e Governador do Conselho Mundial da Água destacou que a importância da vinda do evento para a América do Sul. “O Conselho Mundial da Água tem uma atuação abrangente

no mundo e sua chegada à América Latina fortalecerá as ações desenvolvidas na entidade”, apontou Newton Azevedo.

Segundo Luiz Firmino Martins Pereira, Subsecretário do Ambiente no Estado do Rio de Janeiro e Governador Adjunto do Conselho, o 8º Fórum Mundial da Água no Brasil vai fortalecer a gestão participativa hoje amplamente praticada pelos Comitês e Organismos de Bacia em nosso país.

Na reunião do Conselho Mundial da Água que escolheu o Brasil como sede do 8º Fórum Mundial da Água, estiveram ainda presentes na delegação brasileira Vinicius Benevides, presidente da ADASA/DF, Bruno Pagnoccheschi, Superintendente da ANA, Ricardo Krauskopf da Itaipu Binacional, Robson Rocha e Wagner Pinto do Banco do Brasil S/A.

No 7º Fórum Mundial da Água a se realizar em 2015 na cidade de Daegu, Coréia do Sul, o Brasil contará com um grande Pavilhão tal como aconteceu na cidade de Marselha no ano de 2012 quando da realização do 6º Fórum Mundial da Água. Numa situação que nos favorece, temos em nosso país, um efetivo e democrático processo de gestão participativa e integrada dos recursos hídricos, envolvendo toda a sociedade neste modelo através dos mais de 250 Organismos de Bacias Hidrográficas hoje já instalados em nosso país, num contingente que relaciona mais de 90 mil pessoas direta e indiretamente dos mais diferentes segmentos da sociedade brasileira e dos setores técnicos, político, acadêmico e privado nas ações pela conservação, proteção, desenvolvimento, planejamento, gerenciamento e uso eficiente da água.



Ricardo Andrade defende a candidatura brasileira



Presidente Braga com comitiva brasileira



Ricardo Andrade, Lupércio Zirildo Antônio, Newton Azevedo, Governador do WWC com o Governador do DF Agnelo Queiróz com o Embaixador Fujita



Membros do Conselho Mundial da Água



CONSELHO MUNDIAL DA ÁGUA

www.worldwatercouncil.org/

O Conselho Mundial da Água é uma organização internacional que exerce suas atividades como uma plataforma internacional que reúne interessados no tema da água e tem como missão de promover a conscientização, construir compromissos políticos e incentivar ações em temas críticos de água para facilitar a conservação, proteção, desenvolvimento, planejamento, gestão e uso eficiente da água em todas as suas dimensões, com base na sustentabilidade ambiental, para o benefício de toda a vida na Terra.

O Conselho é composto por representantes de governos, academias, sociedade civil, empresas e organizações não governamentais, formando um conjunto significativo de instituições relacionadas com o tema água. Sua estrutura é constituída por um Comitê Mundial formado por 36 Governadores, das quais 4 são brasileiros.

O Conselho Mundial da Água está organizado em 5 (cinco) Colégios:

- 1 - Organismos Intergovernamentais;
- 2 - Governos e Autoridades de Governo;
- 3 - Empresas e Prestadoras de Serviços;
- 4 - Organizações da Sociedade Civil e Usuários de Água; e,
- 5 - Associações Profissionais e Academia.

O Conselho Mundial da Água tem a sua sede permanente na cidade de Marselha, França e é regido pelo seu Estatuto legalmente registrado em 14 de junho de 1996, com alterações adotadas pela Assembleia Geral Extraordinária de 30 de setembro de 2003.

O Brasil tem atualmente 45 membros no Conselho Mundial da Água.



Lupércio Ziroldo Antônio, Ricardo Andrade, Agnelo Queiróz e Robson Rocha



UMA GRANDE OPORTUNIDADE PARA A AGENDA DA ÁGUA



VICENTE ANDREU

Vicente Andreu, formado em estatística pela Universidade Estadual de Camoínas, é o Diretor Presidente da Agência Nacional de Águas (ANA). Anteriormente exerceu alguns cargos que incluem o de Secretário de Recursos Hídricos e Ambiente Urbano do Ministério do Meio Ambiente (2008-2010), Secretário de Planejamento, Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente da cidade de Campinas, São Paulo (2007-2008), Presidente da Nova Piratininga Ltda (2005-2007), Presidente da SANASA (2001-2003) e Diretor da União dos Trabalhadores da Eletricidade (1987-1995).

A escolha do Brasil e de Brasília para sediar o 8º Fórum Mundial da Água em 2018 enseja a oportunidade de repensarmos a relação da água com o a agenda de desenvolvimento do país, bem como o fortalecimento da inserção do Brasil na agenda internacional da água.

Poucas temáticas, no mundo atual, se fazem mais urgentes do que a da água. O paradoxo é que muitos de nós pertencemos a uma geração que cresceu com a noção da abundância e da infinitude da água. No Brasil, esse pensamento permeou por muito tempo nossos dirigentes, calcado, principalmente, no privilégio que significa a incidência de uma grande parcela da água doce do mundo dentro de nossas fronteiras. No entanto, as últimas décadas têm mostrado que apesar do extraordinário acervo hídrico, temos sim enormes problemas relativos à gestão da água. Isso porque a maior quantidade da água no Brasil se observa na região onde a população é mais rarefeita. Nas demais regiões a incidência da água é escassa por condições climáticas adversas, ou se encontra sobreexplorada, ou mesmo comprometida em termos de qualidade.

Ao contrário da energia, que pode ser transportada em grandes blocos por milhares de quilômetros por meio de linhas de transmissão, tirando partido das diferenças hidrológicas regionais, a custos administráveis -- ou mesmo lançar mão de outras formas de geração, sejam elas tradicionais, como a geração térmica, ou alternativas, como a eólica e a solar -- a água para abastecimento humano ou para a produção agrícola e industrial, deve estar perto dos pontos de consumo, sob pena de seus custos alcançarem patamares inadmissíveis.

Esse problema, com maior ou menor intensidade, se verifica em todo o mundo, exigindo dos poderes públicos não apenas uma adequada administração da oferta de água por meio de obras de engenharia, como também a necessidade de exercer o papel de disciplinar a demanda, aplicando instrumentos de gestão. Nesse contexto, o Brasil se sobressai quando comparado a outros países. Temos umarcabouço legal invejável e caminhamos a passos largos para a boa administração de nossas águas.

No entanto, os severos eventos extremos climáticos observados nos últimos anos trazem novos desafios a esse cenário. As respostas dos sistemas nacionais de gerenciamento de águas estão sendo colocadas à prova e poucos desses sistemas têm conseguido fazer frente a essas situações com a presteza exigida.

Nesse cenário, a cooperação internacional se faz fundamental. As trocas de caráter técnico, científico e gerencial que o sistema internacional de cooperação propicia têm permitido a muitos países equacionarem seus processos de monitoramento, planejamento e de resposta a eventos extremos.

Além disso, o cenário internacional da cooperação oferece a oportunidade de se fazer avançar a institucionalidade da água no âmbito do Sistema das Nações Unidas. A despeito do papel central da água no alcance do desenvolvimento, até o presente foram realizadas pelas Nações Unidas apenas duas conferências internacionais dedicadas à água: a Conferência das Nações Unidas sobre Água, Mar del Plata, em março de 1977; a Conferência Internacional sobre Água e Meio Ambiente, Dublin, em janeiro de 1992; e, mais recentemente, a Cúpula da Água de Budapeste, em outubro de 2013.

Não obstante, a água está presente em dezenas de agências e programas do Sistema das Nações Unidas, focadas em agendas específicas voltadas a aspectos de produção de alimentos, meteorologia, proteção de ecossistemas, entre outras. Essa fragmentação da visão da água em diferentes agendas condicionou a criação, em 2003, do UN-Water, mecanismo de coordenação interagencial para articulação do tema. No entanto o UN-Water não possui mandato nem capacidade institucional para promover um processo articulado no nível requerido pelos problemas que o mundo enfrenta hoje.



O CENÁRIO INTERNACIONAL DA COOPERAÇÃO OFERECE A OPORTUNIDADE DE SE FAZER AVANÇAR A INSTITUCIONALIDADE DA ÁGUA NO ÂMBITO DO SISTEMA DAS NAÇÕES UNIDAS.

Torna-se, portanto, cada vez mais premente a necessidade de organizar um processo mais consistente e permanente de consulta e cooperação entre os países, que promova a gestão mais integrada e eficiente desse recurso fundamental para o desenvolvimento. Isso deverá ocorrer não apenas no âmbito das Nações Unidas, mas também no âmbito das instituições que se ocupam dos diferentes aspectos da gestão das águas.

Nesse sentido, as edições do Fórum Mundial da Água têm sido fundamentais. A última realização do 6º Fórum Mundial da Água contou com cerca de 30.000 participantes, de diferentes segmentos de governos, de parlamentos e da sociedade, provenientes de 145 países, desenvolvendo uma pauta de discussões de grande importância para o enfrentamento dos problemas mundiais dessa temática. Para a próxima edição, a se realizar em Daegu, Coreia do Sul, não será diferente.

Por essa razão, a escolha do Brasil para sediar o 8º Fórum Mundial da Água, em 2018 se reveste de grande importância e sua realização em Brasília bastante oportuna. Essa escolha prestigia, pela primeira vez, o hemisfério sul do planeta e o País com o maior acervo de água doce do mundo.

Esperamos poder avançar nas conquistas de novos patamares de desenvolvimento por meio do fortalecimento da agenda da água no cenário nacional e internacional, nos preparando para os enormes desafios que os cenários futuros nos reservem. A água não é apenas insumo do desenvolvimento mas, também, um caminho para a cooperação e, nesse sentido, pode ocupar um papel central na agenda internacional.

ENTREVISTA “ RICARDO ANDRADE

Superintendente da Agência Nacional de Águas, Governador Adjunto do Conselho Mundial da Água e Coordenador da Seção Brasil do Conselho Mundial da Água.



Engenheiro Civil, graduado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 1993. Atualmente é Superintendente de Implementação de Programas e Projetos da Agência Nacional de Águas e desde 2009 é Governador-Suplente do Brasil junto ao Conselho Mundial da Água e é o Coordenador da Seção Brasil do Conselho Mundial da Água para o período 2012-2015. ricardo.andrade@ana.gov.br





O BRASIL SEDIARÁ O 8º FÓRUM MUNDIAL DA ÁGUA NO ANO DE 2018. INICIANDO NOSSA ENTREVISTA, GOSTARIAMOS QUE FIZESSE UM BREVE HISTÓRICO DO GRANDE TRABALHO DESENVOLVIDO QUE CULMINOU NESTA CONQUISTA FANTÁSTICA PARA NOSSO PAÍS.

O desejo do Brasil, representado pelos membros brasileiros do Conselho Mundial da Água se iniciou ainda em 2011. Mas o momento decisivo para o início desta corrida foi sem dúvida a manifestação da Ministra do Meio Ambiente Izabela Teixeira e do Vice-Governador do Distrito Federal Tadeu Filippelli durante o 6º Fórum Mundial da Água em Marselha. Daí em diante, iniciamos a preparação da proposta, e mais recentemente, os contatos políticos que resultou na escolha de Brasília e do Brasil.

QUAL A IMPORTÂNCIA E O MOTIVO DA ESCOLHA BRASILEIRA PARA SEDIAR O 8º FÓRUM MUNDIAL DA ÁGUA?

Poderíamos citar várias razões para considerar a escolha importante para o Brasil. Ficarei em duas: a primeira, sem dúvida, dará ao Brasil e às instituições brasileiras a oportunidade de mostrar o que de melhor tem sido feito para preservação, conservação e uso adequado da água. Segundo ponto, não menos importante, é a oportunidade de ter na pauta pelos próximos quatro anos o tema da água.

FALE-ME UM POUCO DO PAPEL DOS MEMBROS BRASILEIROS DO CONSELHO MUNDIAL DA ÁGUA NESTE IMPORTANTE NO PROCESSO. FALE-NOS ESPECIFICAMENTE DOS TRABALHOS QUE TEM SIDO DESENVOLVIDO E QUAL SERÁ O SEU PAPEL NA ORGANIZAÇÃO E REALIZAÇÃO DO 8º FÓRUM MUNDIAL DA ÁGUA NO BRASIL NO ANO DE 2018.

Este envolvimento inicia-se ainda em 2010, quando há de fato uma aproximação maior do Brasil e dos brasileiros ao Conselho Mundial da Água. Hoje somos o terceiro país em número de afiliados – 34 no total – e temos uma forte participação no comitê de Governadores. Esta candidatura nasceu do envolvimento deste grupo, da sua maciça participação nos fóruns, em especial, no 6º fórum, e no aporte de suas experiências e nas contribuições durante o processo de preparação do documento de candidatura. Quanto a minha participação no futuro, quero expressar aqui a minha satisfação de ter coordenado este processo e me coloco a disposição para contribuir naquilo que for necessário.





EM SUA AVALIAÇÃO, NO CONTEXTO MUNDIAL, COMO DESTACARIAMOS O PAPEL DO BRASIL NO CENÁRIO DOS RECURSOS HÍDRICOS?

O Brasil tem se destacado neste tema. Recentemente recebemos o RIO+20, evento promovido pela ONU. Somos detentores da maior reserva hídrica individual do mundo e a compartilhamos com os nossos vizinhos. Possuímos um forte arcabouço legal e institucional no setor de recursos hídricos. Somos uma economia forte e em constante crescimento. Portanto, temos muito com que contribuir para o desenvolvimento do setor de recursos hídricos no mundo e entendo que estamos preparados para compartilhar as nossas experiências.

VOLTANDO A ESTA GRANDE CONQUISTA PARA NOSSO PAÍS, COMO VOCÊ ENTENDE SER A MELHOR FORMA DE NESTES ANOS QUE ANTECEDEM O 8º FÓRUM, O BRASIL SE PREPARAR PARA DEBATER A NÍVEL MUNDIAL A QUESTÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS?

Promovendo encontros e debates. A cidade de Brasília já demonstrou o interesse em receber os mais importantes eventos sobre a água nos próximos quatro anos. A Seção Brasil do Conselho Mundial da Água – organização que reúne os membros brasileiros organizará uma série de debates sobre segurança hídrica nos próximos anos. Para 2014 estão programados três debates. Portanto, do ponto de vista técnico, esse é o caminho.

Há ainda a preparação do ponto de vista legal, institucional e logístico. Este processo será iniciado nos próximos dias e

resultará num arcabouço específico para tratar do assunto. Essa decisão será em conjunto com o Conselho Mundial da Água. O que podemos garantir é que teremos um grande número de organizações, entidades, empresas públicas e privadas e toda a sociedade civil brasileira envolvida nos debates que culminarão no 8º Fórum Mundial da Água no Brasil em 2018.

AINDA NESTA LINHA DE PENSAMENTO, SENDO O BRASIL UM PAÍS CONTINENTAL E COM GRANDES DIFERENÇAS TERRITORIAIS NO QUE CONCERNE AO CLIMA, RELEVO E HIDROGRAFIA, E FUNDAMENTALMENTE COMO UMA ESPÉCIE DE LIDERANÇA NA AMÉRICA DO SUL, COMO, EM SUA OPINIÃO, DEVEREMOS NOS ORGANIZAR PARA APRESENTAR PARA O MUNDO, GRANDES E EXITOSAS EXPERIÊNCIAS DE GESTÃO DA ÁGUA?

Não podemos perder esta oportunidade. Devemos não somente apresentar para o mundo as experiências exitosas, mas também, o processo para alcançar este resultado. Como dito, temos aqui todos os cenários possíveis em todos os aspectos. Temos, portanto a oportunidade de refletir sobre os nossos erros e nossos acertos compartilhando-os com os demais países. Mas não só isso, teremos a oportunidade de ouvir dos outros países experiências exitosas que podemos replicar aqui.

Ademais, não podemos perder também a oportunidade de envolver os nossos vizinhos. É uma prioridade o envolvimento dos países americanos no 8º Fórum Mundial da Água, não só pelas contribuições que serão aportadas, mas pela facilidade logística de suas participações.



Não tenham dúvidas, o Brasil e a cidade de Brasília estão preparados para receber o 8º Fórum Mundial da Água.

O BRASIL NOS ÚLTIMOS VINTE ANOS, DESENVOLVEU UM MODELO DE GESTÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS TENDO COMO BASE A GESTÃO PARTICIPATIVA QUE INTEGRA TODOS OS SEGMENTOS LIGADOS AO SETOR. NESTE CONTEXTO, COMO AVALIA A PARTICIPAÇÃO DOS ORGANISMOS DE BACIA NO SISTEMA NACIONAL DE RECURSOS HÍDRICOS E COMO ESTA FORÇA QUE VEM DA SOCIEDADE PODE AJUDAR NA ORGANIZAÇÃO DO 8º FÓRUM MUNDIAL DA ÁGUA EM BRASÍLIA NO ANO DE 2018?

O Brasil pode ser considerado pioneiro neste processo de participação direta da sociedade na gestão dos recursos hídricos. Este modelo, extremamente democrático e participativo hoje aponta para praticamente todos os atores do Sistema de Recursos Hídricos envolvidos de forma integrada nas discussões pela água dentro das bacias hidrográficas. Seja nos Comitês de Bacia, nos Consórcios ou nas Associações que debatem a temática água, os Organismos de Bacia estabeleceram no país de forma irreversível um modelo deliberativo e decisório que fomenta políticas públicas efetivas dentro da agenda dos Governos. Assim, no 8º Fórum Mundial da Água no Brasil, os Organismos de Bacia terão papel fundamental no processo tanto de construção como na participação, dado que envolvem diretamente nos debates e propostas, o poder público, os usuários e a sociedade civil. Destaco ainda neste íterim, a participação da REBOB, que tendo um Governador no Conselho Mundial da Água, participará conosco no processo de organização do evento.



FINALIZANDO, QUAL A MENSAGEM VOCÊ DEIXARIA PARA TODOS OS SETORES LIGADOS AOS RECURSOS HÍDRICO NO BRASIL TENDO COMO PANO DE FUNDO ESTE GRANDE EVENTO 8º FÓRUM MUNDIAL DA ÁGUA QUE SE REALIZARÁ EM NOSSO PAÍS EM 2018?

Muito importante a sua pergunta. Começa agora o nosso trabalho. As instituições brasileiras têm uma grande responsabilidade com o sucesso o 8º Fórum Mundial da Água. Tem muito com o que contribuir. Teremos quatro anos de profundos debates, nacionais e internacionais, que nos ajudarão a preparar este importante evento. Gostaria de agradecer a todos que contribuíram para o sucesso desta candidatura, em especial à Agência Nacional de Águas e ao Governo do Distrito Federal. Finalmente, me coloco a disposição para contribuir no que for necessário para que o 8º Fórum Mundial da Água seja um sucesso. Considero as instituições brasileiras das mais importantes e mais moderadas quando o assunto é água.

Não tenham dúvidas, o Brasil e a cidade de Brasília estão preparados para receber o 8º Fórum Mundial da Água.

“

A PROPOSTA BRASILEIRA





O Brasil e a cidade de Brasília propõem para o 8º Fórum Mundial da Água, em 2018, o tema “Compartilhando Água”. Esta proposta temática buscou, inicialmente, uma articulação com os temas das edições anteriores, visto que as realizações sequenciais dos fóruns, em alguma medida, busca contribuir para as ações globais referentes ao uso racional e sustentável da água.

Historicamente, as três últimas edições do fórum, realizadas no México, Turquia e França, e a próxima, a realizar-se na Coréia do Sul, mostram um encadeamento lógico de “ações locais para desafios globais”, para “criando pontes pela água”, constatando ser um “tempo de soluções” e, em 2015, apontando para “futuro da água, juntos”.

Em se tratando de água, recurso essencial para o homem, para o equilíbrio dos ecossistemas do planeta e para o desenvolvimento das nações, a proposta de estruturação temática do 8º Fórum levará em consideração, ainda, a relevância global da água e suas conexões com as esferas regionais, nacionais e locais. A proposta de compartilhamento de experiências visa evitar posicionamentos continentais ou regionais e buscar, prioritariamente, o intercâmbio de experiências em um contexto global.

Espera-se, com a adoção do tema central proposto e aceito, compartilhar ideias entre a sociedade civil, compartilhar boas práticas e soluções, compartilhar benefícios para a utilização da água e, de forma mais geral e ampla, compartilhar cooperação entre as nações.

O Brasil compartilha duas das maiores bacias hidrográficas do planeta – Bacia Amazônica e Bacia do Prata, que, juntas, fazem fronteira internacional com 10 países: Guiana Francesa, Suriname, Guiana, Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. Esta vasta experiência justifica a pertinência do tema “Compartilhando Água”.

É importante ressaltar que a realização do 8º Fórum Mundial da Água no Brasil se tornará o primeiro evento no hemisfério Sul, o que significa uma decisão atual e oportuna do Conselho Mundial da Água em termos geopolíticos e muito significativa no conjunto dos países representados no Conselho.



Águas Emendadas - Distrito Federal



O Brasil compartilha
duas das maiores
bacias hidrográficas
do planeta – Bacia
Amazônica e Bacia
do Prata, que, juntas,
fazem fronteira
internacional com
10 países.

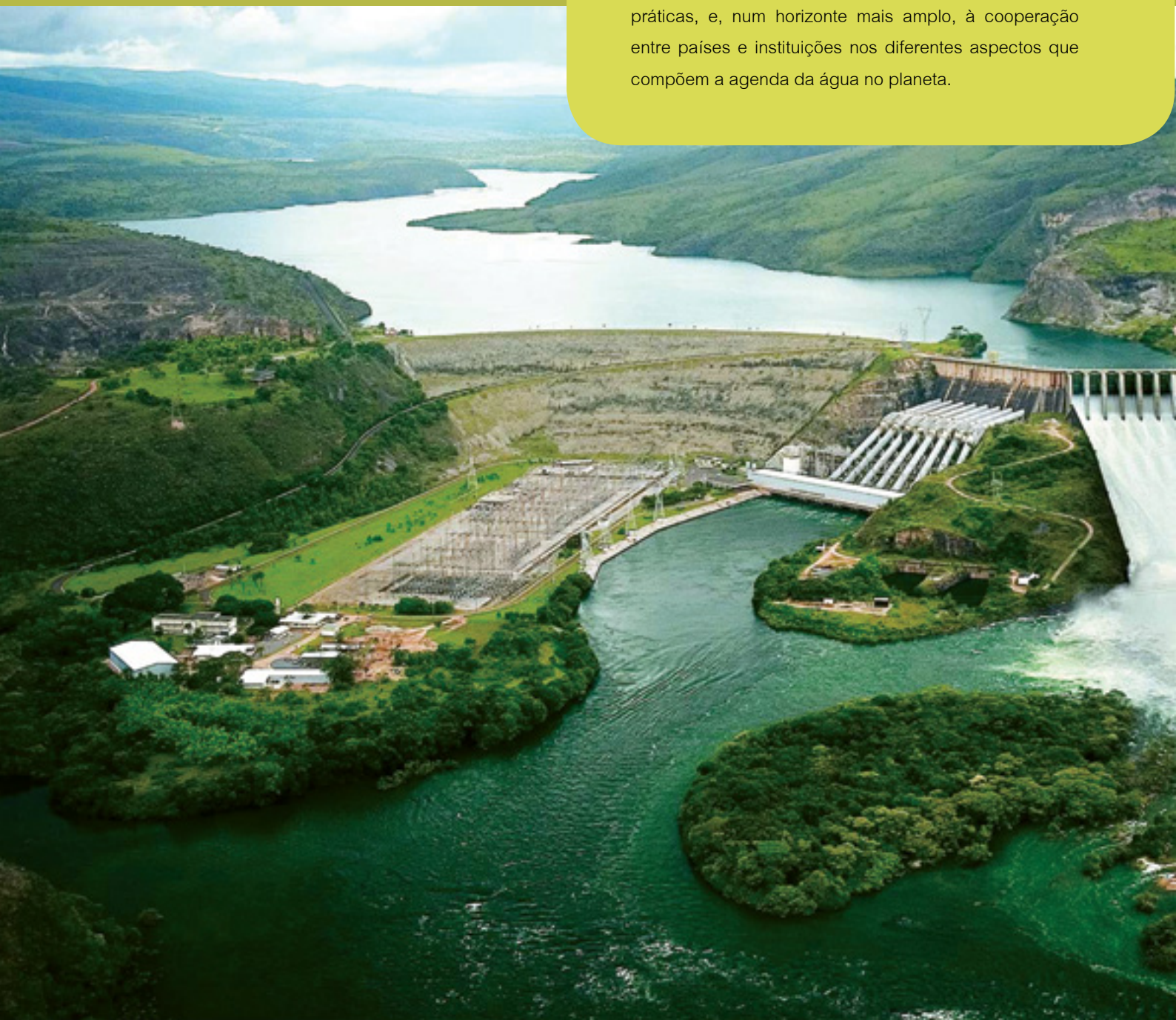


PROGRAMA TEMÁTICO, REGIONAL E POLÍTICO

O detalhamento futuro da programação temática procurará refletir as demandas e os interesses dos países e das regiões continentais referentes à gestão dos recursos hídricos incorporando, ainda, os resultados do 7º Fórum e as atualizações decorrentes das políticas e ações a serem postas em prática nos próximos anos.

A estrutura de planejamento, especialmente na fase preparatória do 8º Fórum, permitirá que a programação temática do evento em 2018 esteja ajustada aos interesses dos países e às possibilidades de intercâmbio e compartilhamento de experiências, proposta central do evento.

A programação temática para 2018 será ancorada nas questões afetas a compartilhamento de benefícios para água, induzindo ao intercâmbio de soluções e boas práticas, e, num horizonte mais amplo, à cooperação entre países e instituições nos diferentes aspectos que compõem a agenda da água no planeta.



A proposta brasileira sinaliza alguns temas de interesse global, sempre no contexto do “compartilhamento de benefícios da água”, e que incluem Governança da água nos cenários nacional e internacional; Mudanças climáticas e recursos hídricos; Reuso e uso racional da água; Água e energia; Água e saneamento; e Água e segurança alimentar.

A estruturação do programa para o 8º Fórum inclui a consideração clássica adotada pelo Conselho Mundial da Água da abordagem regional nas atividades preparatórias na definição do programa técnico do evento. Desta

forma, espera-se que as demandas e especificidades das diversas regiões do planeta sejam exploradas para posterior apresentação e discussão em âmbito global no próprio evento, permitindo a identificação de convergências e assimetrias e uma melhor e mais justa definição de resultados e recomendações.

O tema central para 2018 certamente contribuirá para ações de cooperação, fortalecimento dos países em desenvolvimento e maior intercâmbio com os países desenvolvidos, e priorização de ações que maximizem a necessária articulação para a conservação e uso racional da água no planeta.

Para tanto, será fundamental que os processos regionais, continentais ou por agrupamento de países, sejam realizados com a participação de instituições-chave e lideranças locais, de modo que as demandas, anseios e necessidades locais sejam contempladas nas decisões e recomendações do fórum.

O Programa Político considerará os procedimentos e estruturação adotados pelo Conselho e, neste caso, contará com o apoio do setor político brasileiro, centrado no Congresso Nacional, e que dispõe de Câmaras Técnicas e Comissões que tratam dos temas mais relevantes do país, sendo recursos hídricos um desses temas prioritários da pauta política do país.

Essa importância para o tema água neste cenário político tem se traduzido na expressiva participação de parlamentares brasileiros nas últimas edições dos fóruns mundiais da água. Está prevista a realização de uma Conferência Ministerial, capitaneada pelo Ministério do Meio Ambiente e pelo Ministério das Relações Exteriores, que deverá contar com a participação de outros importantes ministérios brasileiros com atuação no tema água: Integração Nacional, Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Minas e Energia, Desenvolvimento Agrário, Cidades, Saúde, entre outros.



”



Esse amplo programa conta, ainda, com a expectativa de realização do Fórum Cidadão e da tradicional Feira e Exposição. O Fórum Cidadão tem despertado interesse maior em cada edição do fórum e, em se tratando do tema água, pela crescente participação da sociedade civil em comitês, em representações de agências de bacia, em congressos específicos do tema e em grandes encontros mundiais sobre meio ambiente nos quais uma agenda importante diz respeito aos recursos hídricos.

A Feira e Exposição dos fóruns mundiais têm se transformado em um dos pontos altos do evento, tanto em termos de representação institucional, como de participação pública e de suporte financeiro para o orçamento total do evento.

Brasília oferece duas extraordinárias opções para a realização da Feira e Exposição do 8º Fórum, ambas com localização contígua ao Centro de Convenções e com fácil interligação com as demais instalações do evento. Essas áreas atendem aos requisitos do Conselho Mundial da Água referente ao porte das instalações, recursos operacionais e de suporte, acessibilidade, entre outros.

A esse conjunto de componentes clássicos do fórum, o Brasil e a cidade de Brasília sugerem a realização do Fórum da Sustentabilidade como proposta para um evento inovador na agenda do evento principal e que traga reflexões de diferentes setores institucionais sobre o tema da água e sua importância social, econômica e ambiental.

O objetivo é discutir o tema da água sob a perspectiva da sua sustentabilidade de uma forma que amplie o espectro institucional presente em fóruns similares e que inclua, prioritariamente, os jovens, estudantes, representantes da sociedade civil de diferentes perfis, mídia, empresários entre outros.

A estrutura do programa deste fórum considerará a discussão da questão central da água à luz dos três pilares clássicos do conceito de sustentabilidade: o social, o econômico e o ambiental.

Espera-se que os resultados desse fórum complementem as abordagens de cunho mais técnico, político e regional, de modo que os resultados globais do 8º Fórum de 2018 possam contribuir efetivamente para que futuras gerações se comprometam com modelos de desenvolvimento e de gestão de recursos hídricos mais sustentáveis.

A realização do 8º Fórum Mundial da Água em Brasília em 2018:

OS GANHOS E LEGADOS INSTITUCIONAIS DO PAÍS

No dia 26 de fevereiro de 2014, na Cidade de Gyeongju, Coréia do Sul, a cidade de Brasília foi escolhida pelos Governadores do Conselho Mundial da Água para sediar o 8º Fórum Mundial da Água em 2018. Como um dos Governadores do referido Conselho e cidadão brasileiro sinto-me duplamente feliz com esta decisão que propiciará a realização, pela primeira vez no hemisfério sul, do maior evento do planeta relativo ao tema da água.

O Conselho Mundial da Água, organização internacional que trata do tema da água, reúne representantes de cerca de 50 países, o que lhe confere relevância e legitimidade para a discussão deste tema em escala global. O Conselho está organizado em cinco Colégios: Governos e Autoridades de Governo; Organismos Intergovernamentais; Empresas e Prestadoras de Serviço; Organizações da Sociedade Civil e Usuários de Água; e Associações Profissionais e Academia. O Brasil tem trinta e quatro membros e é a terceira maior representação junto ao Conselho Mundial da Água, com presença em quatro Colégios.

É na perspectiva do cenário institucional brasileiro, em especial do setor governamental em suas três esferas, que me permito analisar o significado da escolha do Brasil e de Brasília para sediar o 8º Fórum Mundial da Água.

O Brasil tem experimentado um notável fortalecimento do setor, especialmente a partir da promulgação da Lei Nº 9.433 de 1997 que instituiu a Política Nacional de Recursos Hídricos (PNRH), que estabelece os fundamentos, os objetivos, as diretrizes e os instrumentos para a gestão

dos recursos hídricos do país, e a implementação do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos (SINGREH), que define as formas de coordenação da gestão integrada das águas. Em 2000 este cenário se consolidou com a criação da Agência Nacional de Águas (ANA) que tem a missão de implementar e coordenar a gestão compartilhada e integrada dos recursos hídricos e regular o acesso à água, promovendo seu uso sustentável em benefício das atuais e futuras gerações.



Neste cenário, têm-se fortalecido cada vez mais o papel e a atuação dos órgãos dos poderes públicos Federal, Estaduais, do Distrito Federal e Municípios, os conselhos de recursos hídricos dos Estados e do Distrito federal, os comitês de bacias hidrográficas, as agências de água e,

**PAULO LOPES VARELLA**paulovarella@ana.gov.br

Geólogo. Exerce o segundo mandato como Diretor da Área de Gestão da Agência Nacional de Águas. Atualmente é um dos Governadores do Conselho Mundial da Água, representando o Brasil no Colégio de “Governos e Autoridades de Governo”. Suas áreas de especialização técnica incluem o planejamento e gestão dos recursos hídricos com ênfase especial em águas subterrâneas, seca e questões de águas transfronteiriças.

Foi Secretário de Recursos Hídricos no Estado do Rio Grande do Norte / Brasil qualidade da água e hidrogeologia.

por fim, a ANA, responsável pela implementação da Política Nacional de Recursos Hídricos e do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos.

As articulações da ANA com as Unidades Federadas fazem parte da rotina de trabalhos da Agência, quase todos com algum nível de articulação com os Estados. Uma das principais iniciativas em curso na Agência – O Pacto Nacional pela Gestão das Águas – visa, exatamente, fortalecer a gestão integrada dos recursos hídricos no país, a partir da construção de compromissos entre os entes federados.

No cenário do fórum de 2018, o momento atual representa o início de um processo preparatório que certamente será extremamente rico dos pontos de vista técnico, político e institucional. Serão quatro anos com a realização de eventos diversos – reuniões, missões técnicas, seminários regionais, encontros políticos e outros – e, principalmente, o fortalecimento da Seção Brasil que congrega atualmente cerca de trinta das mais importantes instituições brasileiras membro do Conselho Mundial da Água. Considerando, ainda, as dimensões continentais do país e por conter 26 estados, o Distrito Federal e 5.570 municípios, o evento será uma oportunidade ímpar de participação e de fortalecimento das Autoridades Locais, expectativa aventada na proposta oficial brasileira que ressaltou a necessidade da conexão entre as esferas regionais, nacionais e locais na gestão dos recursos hídricos.

Este processo, que pretendemos o mais democrático, participativo e integrador possível, será uma extraordinária

O EVENTO SERÁ UMA OPORTUNIDADE ÍMPAR DE PARTICIPAÇÃO E DE FORTALECIMENTO DAS AUTORIDADES LOCAIS.

experiência e seus resultados contribuirão para que o evento de 2018 traga ganhos inquestionáveis para o conjunto de instituições e autoridades governamentais nos três níveis de governo e para toda a sociedade brasileira.

O Governo Federal e o Governo do Distrito Federal, anfitriões do encontro, imbuídos pelo tema central proposto para o evento – “Compartilhando Água” – têm, a partir de agora, a missão de realizar uma edição histórica do evento, que se traduzirá em uma maior inserção internacional de nossas instituições, compatível com o status político, econômico e institucional do país.

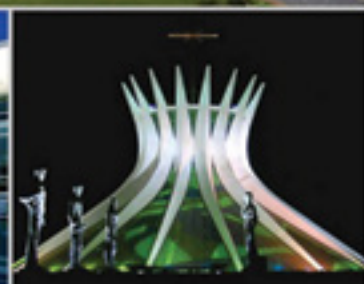
O que se apresenta para todos nós, neste momento, é o desafio de buscar o “compartilhamento” proposto pelo tema do evento e do somatório desses esforços termos as condições de realizar um evento antológico para o Conselho Mundial da Água, para o país e para o mundo. Com a nossa tradição e a experiência em ações de cooperação, nos contextos nacional, regional e global, o evento contribuirá para que o Brasil consolide sua posição no cenário internacional de indutor de ações pacíficas, de iniciativas regionais, de oportunidades compartilhadas e da busca de alternativas que minimizem assimetrias entre os países.

BRASÍLIA

A CIDADE-SEDE

POR QUE SEDIAR O
8º FÓRUM MUNDIAL DA ÁGUA
EM BRASÍLIA EM 2018?

- porque é o coração político do Brasil – a Presidência da República, os Ministérios, o Parlamento, as Representações Diplomáticas e as principais instituições e autoridades do País estão em Brasília, aumentando o potencial de participação no evento.
- pelo fácil acesso – com uma privilegiada localização no centro geográfico do País, Brasília proporciona aos participantes, maior comodidade no deslocamento aéreo, seja nacional ou internacional. Seu aeroporto é o quarto maior em movimento do País e dispõe de ligação direta com os principais centros urbanos nacionais e internacionais.
- pelas facilidades urbanas da cidade – fácil acesso ao local do evento: condições logísticas especiais para realização de grandes eventos; maior comodidade de deslocamento aos participantes por se localizar no coração da cidade – todos os principais locais de interesse (hotéis, posto policial, shopping centers, hospitais) encontram-se num raio de 2 km dos locais do evento.
- pela diversidade cultural e potencialidade turística – Brasília possui diversos atrativos turísticos, monumentos de reconhecimento mundial e roteiros que mostram uma característica urbanisticamente diferente. Além disso, tem uma exuberância natural em seu entorno e apresenta uma grande diversidade multicultural, religiosa e mística.



Brasília é a capital do Brasil, sede do governo Federal e centro político do País. Considerando a região do seu entorno, possui mais de dois milhões de habitantes e é a quarta região mais populosa do País, com o segundo maior produto interno bruto per capita do Brasil e o quinto maior entre as principais cidades da América Latina.

Centro diplomático do País, Brasília congrega mais de uma centena de embaixadas e sedia representações de organismos internacionais e das principais empresas nacionais e multinacionais. Seu plano urbanístico, desenvolvido por Lucio Costa, e seus principais monumentos, concebidos pelo renomado arquiteto Oscar Niemeyer, a caracteriza como uma cidade moderna e singular, reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade.

Hospitaleira, Brasília é uma cidade cosmopolita e reúne pessoas de todo o Brasil, além de um expressivo contingente de estrangeiros – diplomatas, chefes de missões de organizações internacionais, trabalhadores qualificados, professores e outros profissionais que, de alguma forma, estreitam laços bilaterais e ampliam a diversidade cultural da cidade.

A mais moderna das grandes cidades brasileiras dispõe de eficiente sistema de transporte urbano, que inclui dezenas de linhas de ônibus, metrô, uma ampla frota de taxis e algumas das principais empresas locadoras de veículos. Como centro das decisões políticas do País, sedia anualmente dezenas de eventos nacionais e internacionais que mobilizam dezenas de milhares de participantes. Dispõe, ainda, de larga experiência em serviços ofertados para grandes eventos, incluindo alimentação para congressos e seminários, serviços de apoio a feiras e exposições, jantares e coquetéis, etc.

Conjugando as características e o potencial do setor de recursos hídricos do Brasil e as condições urbanas e logísticas de Brasília ao interesse de setores governamentais, parlamentar, técnico, empresarial, acadêmico, sociedade civil e, considerando a experiência do País e da cidade-sede na organização de grandes eventos, a apresentação de Brasília como cidade-sede para este evento atendeu aos requisitos definidos pelo Conselho Mundial da Água para a realização do 8º Fórum Mundial da Água.



Cidade de Brasília- DF



Estádio Nacional



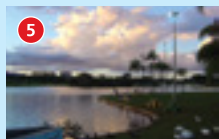
Conventions Center –
Ulysses Guimarães



Setor Hoteleiro Sul



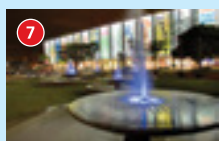
Setor Hoteleiro Norte



Parque da Cidade



Brasília Shopping



Shopping Conjunto
Nacional



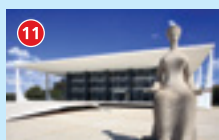
Torre de TV



Congresso Nacional



Palácio da Justiça



Supremo Tribunal Federal



Palácio do Planalto



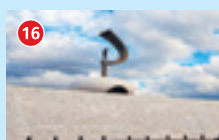
Palácio do Itamaraty



Catedral Metropolitana



Museu Nacional



Memorial JK



Ginásio de esportes Nilson
Nelson



Aeroporto Internacional
Juscelino Kubitschek



Ponte JK



Praça dos 3 poderes



Setor de Hotéis de
Turismo Norte



Pavilhão de Exposições
do Parque da Cidade



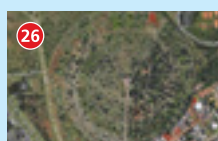
Palácio da Alvorada



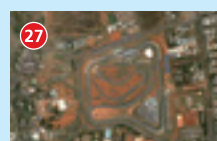
Ermida Dom Bosco



Torre de TV Digital



Cemitério Campo da
Esperança

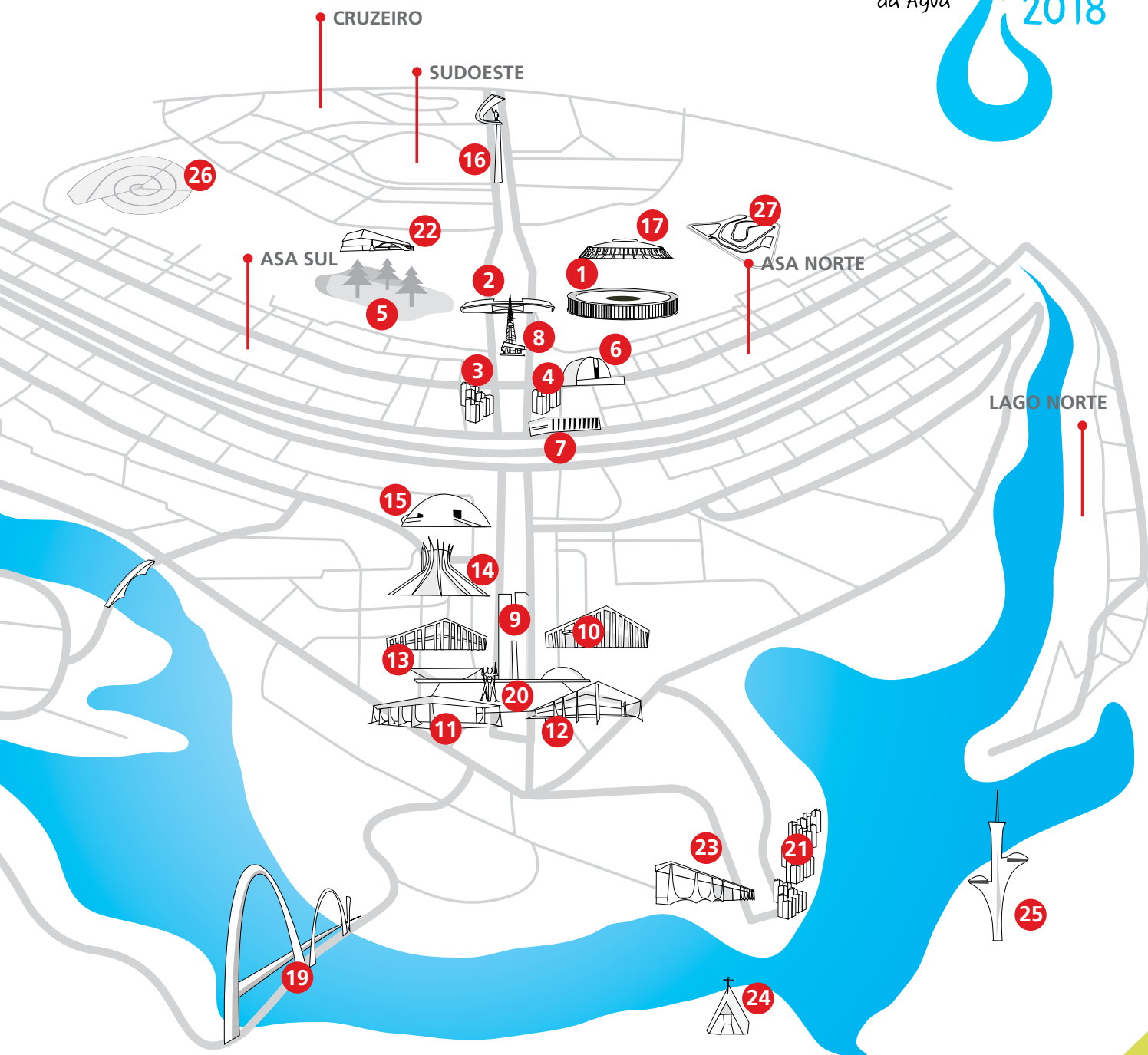


Autódromo Internacional
Nelson Piquet



8^o
Fórum Mundial
da Água

Brasília-Brasil
2018

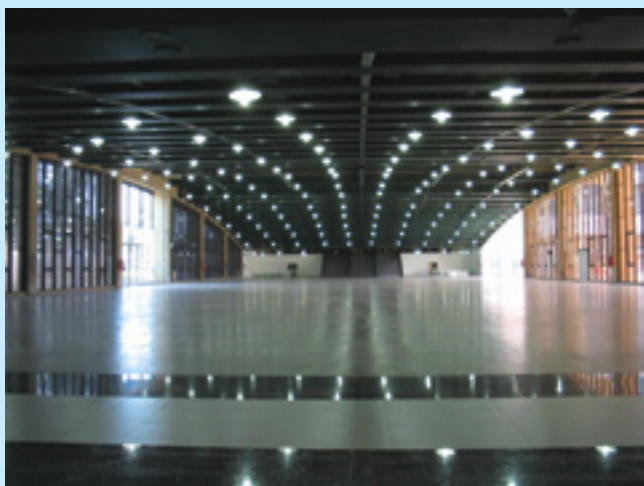


OS LOCAIS PARA O EVENTO

CENTRO DE CONVENÇÕES ULYSSES GUIMARÃES

Local que abrigará as sessões técnicas, políticas e ministeriais, o Centro de Convenções Ulisses Guimarães, inaugurado em 2005, é considerado um dos maiores e mais modernos do País.

Localizado na região central de Brasília, tem uma área construída de 54 mil m², abrigando cinco auditórios, além de 13 salas moduláveis que permitem várias combinações. O Centro possui, ainda, um pavilhão de exposições com 11.900 m².





Centro de Convenções Ulisses Guimarães - Brasília



ESTÁDIO NACIONAL DE BRASÍLIA

O Estádio Nacional de Brasília, localizado a cerca de 500 metros do Centro de Convenções Ulysses Guimarães, foi concebido no conceito de arena multiuso, é o local em que ocorrerá a Feira e a Exposição. Um dos destaques do projeto é a preocupação com o meio ambiente, incluindo minimização do consumo de energia, reaproveitamento de água, uso de materiais certificados ou reciclados na construção e no mobiliário, e baixa produção de resíduos, entre outros itens de sustentabilidade.



Estádio Nacional de Brasília



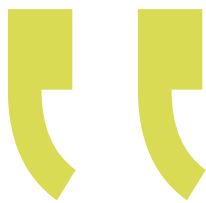
PARQUE DA CIDADE DONA SARAH KUBITSCHKE

Uma alternativa para abrigar a Feira e a Exposição do 8º Fórum Mundial da Água é o Parque Dona Sarah Kubitschek, mais conhecido como Parque da Cidade, localizado entre a Asa Sul e o Setor Sudoeste, região central de Brasília. Fundado em 1978, é um dos maiores parques urbanos do mundo, com 4,2 km².

O Parque da Cidade conta com Pavilhão de Exposições ExpoBrasília, com área de 51 mil m², que recebe anualmente dezenas de feiras e exposições de grande porte, além de eventos culturais e festivais e localiza-se a cerca de 2km do Centro de Convenções Ulysses Guimarães.



Parque da Cidade - Brasília

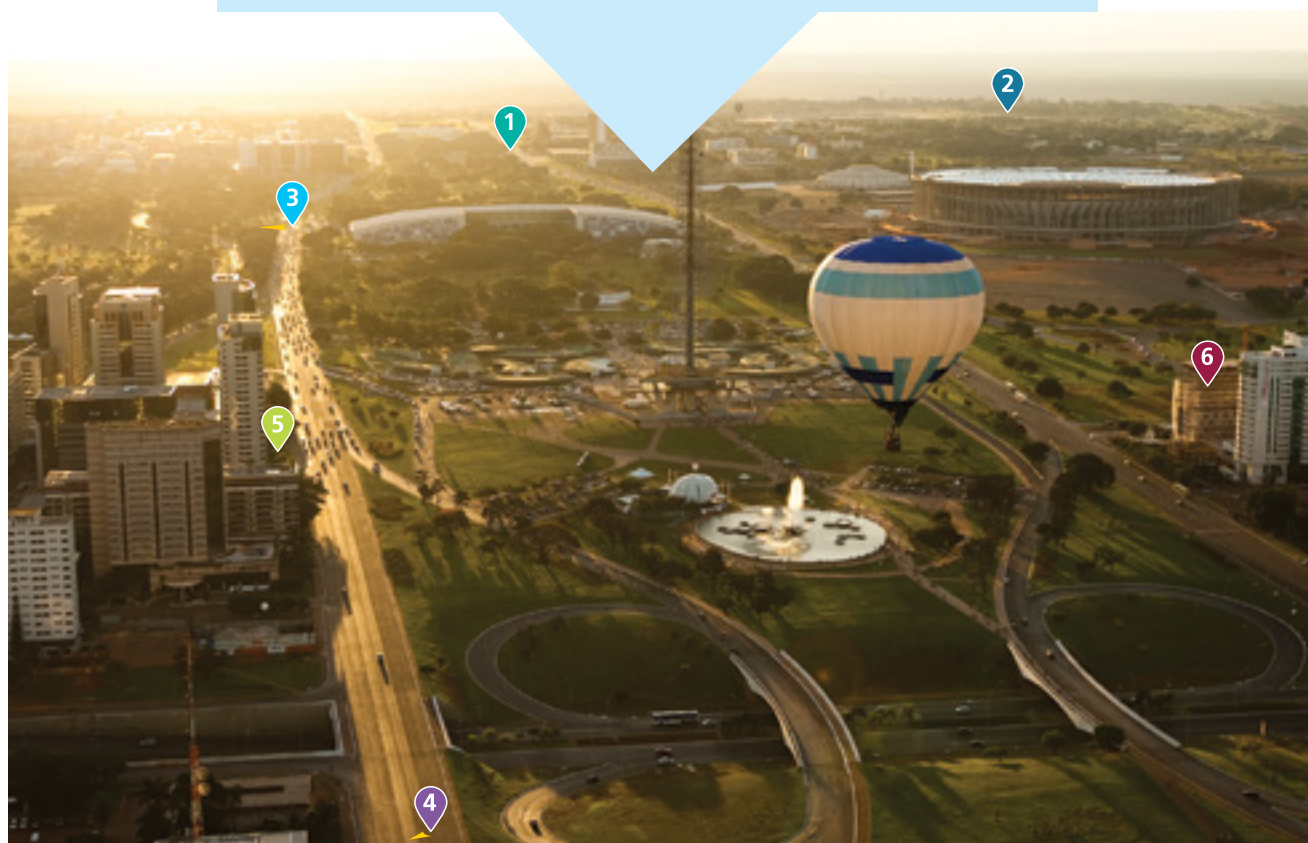


INTEGRAÇÃO ENTRE OS LOCAIS DO EVENTO

Como mencionado anteriormente, o 8º Fórum Mundial da Água utilizará o Centro de Convenções Ulysses Guimarães para a realização das sessões plenárias e reuniões técnicas e do Estádio Nacional ou do Pavilhão de Exposições do Parque da Cidade para a Feira e Exposição.

Para interligação entre esses locais, será empregado o transporte de forma circular e frequente, por meio de micro-ônibus ou vans, garantindo a livre circulação entre o Centro de Convenções e o local da feira e exposição.

Serão construídos dois túneis subterrâneos para pedestres, ligando o Estádio, o Centro de Convenções e o Parque da Cidade, obras programadas para atender a Copa do Mundo FIFA 2014. Desta maneira, os participantes do fórum poderão se deslocar entre os locais do evento com conforto e segurança.



Vista aérea central de Brasília, com indicações dos principais equipamentos para o 8º Fórum Mundial da Água.



1 Centro de Convenções Ulysses Guimarães
Ulysses Guimarães Conventions Center

2 Estádio Nacional
National Stadium

3 Parque da Cidade
City Park

4 Aeroporto Internacional JK
Brasília JK International Airport

5 Setor Hoteleiro Sul
South Hotels Sector

6 Setor Hoteleiro Norte
North Hotels Sector

**Acesso rodoviário do Aeroporto
à área central de Brasília**

*Route from the Airport to
the central area of Brasília*

**Metrô
Metro line**



A logomarca para o 8º Fórum Mundial da Água em 2018 foi concebida considerando a combinação de cinco elementos básicos que representem o tempo, a localização, a água, a sustentabilidade e o numeral relativo à edição do evento.

O elemento tempo é representado graficamente pelas duas figuras simétricas e espelhadas que formam uma ampulheta, remetendo para a necessidade e a premência de agir, decidir e compartilhar.

O segundo elemento, local da realização do evento, é representado pelo mapa do continente sul-americano vazado no centro do grafismo verde, posicionado na parte superior da marca.

A representação gráfica do elemento água se dá pela figura da gota d'água vazada no centro do grafismo azul, posicionada na parte inferior da marca.

A representação conjunta do verde e do azul traduz, em sua simetria, a sustentabilidade entre o meio ambiente e a água, elementos essenciais à vida no nosso planeta.

Por fim, o quinto elemento faz referência ao numeral 8, graficamente representado pela combinação dos dois elementos externos, que representa a oitava edição do evento.



O SONHO DA ÁGUA PARA TODOS



NEWTON LIMA AZEVEDO

Engenheiro Civil em 1972 pela Escola Politécnica da USP, Governador do Conselho Mundial da Água, Vice Presidente da ABDIB, Membro do Comitê Executivo da AQUAFED - International Federation of Private Water Operators (França) e Conselheiro para o tema Meio Ambiente da FESPSP - Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Sempre que sou convidado a falar sobre o tema ÁGUA, costumo perguntar se meus interlocutores concordam com a ideia de que a ÁGUA é um elemento estratégico para o futuro do planeta. Claro, não há discordâncias, todos pensam assim.

Se isso é tão claro, porque temos um quadro assustador sobre a gestão da ÁGUA no Brasil e no mundo?

No meu entender, falta uma visão estratégica integrada para o futuro da ÁGUA, a partir do seu reconhecimento de que a ÁGUA é o motor do crescimento sustentável. A sua disponibilidade, bem planejada, gera o desenvolvimento e bem estar de um povo e a sua escassez é responsável por conflitos entre os seus diferentes usos.

Posso afirmar que os princípios desta visão estratégica integrada sobre a ÁGUA passa por 2 movimentos:

- Tornar a ÁGUA e sua gestão parte da agenda política.
- Tornar a ÁGUA uma efetiva e constante preocupação da sociedade civil.

Parece-me que o momento de discutir, valorizar, amplificar e implementar estas ideias chegou!!

O Brasil acaba de ser escolhido em 26/02/2014 na Coreia do Sul, pelo Conselho Mundial da ÁGUA para ser sede do Fórum Mundial da ÁGUA em 2018, evento realizado a cada três anos.

A cidade de Brasília receberá mais de 25 mil pessoas, de todas as partes do mundo, ligadas à questão da ÁGUA, para discutir e consolidar propostas que sejam possíveis de serem consideradas na elaboração das políticas públicas de cada um dos países presentes.

Para quem não sabe, o Conselho Mundial da ÁGUA é a mais importante organização mundial para a discussão do tema ÁGUA como elemento fundamental para o futuro do planeta. Criada em 1996, reúne mais de 70 países e aproximadamente 400 instituições e organizações que representam a academia, empresariado, organismos de estado e organizações não governamentais. O Brasil é representado em seu board por 4 governadores (USP, ANA, ABDIB e REBOB).

“SERÁ A OPORTUNIDADE DE OURO PARA REALMENTE INCLUIR NAS POLÍTICAS PÚBLICAS BRASILEIRAS O CONCEITO DE GESTÃO INTEGRADA DOS RECURSOS HÍDRICOS COMO FATOR FUNDAMENTAL PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL E ECONÔMICO DO PAÍS.”

Parabéns ao Conselho Mundial da ÁGUA pela escolha de Brasília como sede do Fórum Mundial de 2018, pois na qualidade de Governador pelo Brasil, tenho a certeza de que dos 7 já realizados, este sendo o primeiro Fórum realizado no Hemisfério Sul, o conselho consolida a sua posição de Voz da ÁGUA a nível mundial.

Nesta afirmação, lembrei-me de uma música brasileira, de Milton Nascimento, (Nos bailes da vida), que diz que “TODO ARTISTA DEVE IR AONDE O POVO ESTÁ” e eu faço um paralelo dizendo que o “CONSELHO MUNDIAL DA ÁGUA DEVE IR AONDE O POVO NECESSITA QUE ELE ESTEJA.” Para mim, que estive presente na Coreia por ocasião da decisão, vieram a minha cabeça algumas reflexões:

“Será a oportunidade de ouro para realmente incluir nas políticas públicas brasileiras o conceito de Gestão Integrada dos Recursos Hídricos como fator fundamental para o desenvolvimento social e econômico do país.”

“O sonho de ÁGUA PARA TODOS os brasileiros dentro do conceito de segurança hídrica finalmente terá a visibilidade que merece perante a sociedade.”

“Um evento desta magnitude no Brasil, levando em conta a sua liderança natural na América do Sul permitirá que os outros 12 países que representam mais de 200 milhões de pessoas participem e colaborem na integração hídrica do continente, no que diz respeito à inclusão do tema na agenda política de cada um dos países.”

PARABÉNS AO CONSELHO MUNDIAL, AO BRASIL E A BRASÍLIA!

Agora nos cabe preparar com muita seriedade este evento de 2018 para que realmente ele seja um marco e torne-se um ponto de partida para uma verdadeira Gestão Integrada da ÁGUA.

Conectando o Brasil à água.



LUPERCIO ZIROLDO ANTÔNIO

Presidente da REBOB Rede Brasil de Organismos de Bacias

Secretário Técnico Permanente da RELOB Rede Latino Americana de Organismos de Bacias

Presidente da Rede Internacional de Organismos de Bacia

O Brasil será o palco em 2018 do 8º Fórum Mundial da Água.

O cenário será construído na cidade de Brasília, capital de nosso País, por todos os brasileiros e estrangeiros vindos de várias partes do planeta, e deverá fortalecer as ações pela preservação deste líquido tão importante para a vida quanto para o desenvolvimento.

Neste contexto, a REBOB Rede Brasil de Organismos de Bacias Hidrográficas, fundada em 1º de julho de 1.998, entidade constituída na forma jurídica de Associação Civil, sem fins econômicos e que é formada por Consórcios de Municípios, Comitês de Bacias Hidrográficas, Associações de Usuários, Agências de Bacias e outros Organismos de Bacias, se posiciona como elo entre toda a sociedade e os debates que deverão ser amplificados para a realização de um profícuo evento que represente soluções, integração e futuro para o cuidar da água em nosso mundo.

A REBOB, que também exerce a Secretaria Técnica Permanente da RELOB Rede Latino Americana de Organismos de Bacias Hidrográficas, tem sua atuação firmada em todo o território nacional, pois em sua constituição de Diretoria, além da presidência e vice-presidência, existem cinco Regionais, Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

Desde sua fundação, a REBOB vem desenvolvendo serviços e atividades dentro da área da gestão dos recursos hídricos no território brasileiro e nas regiões

transfronteiriças, fundamentalmente através de parcerias e acordos de cooperação, da promoção de capacitação e do envolvimento em programas e projetos que efetivamente provoquem a melhoria das águas superficiais e subterrâneas.





www.rebob.org.br



ENCOB 2



Oficinas de Capacitação

Num envolvimento direto e indireto de aproximadamente 90 mil pessoas, os Organismos de Bacias Hidrográficas hoje implementados no Brasil, em número de 285, possibilitam que todos os segmentos ligados à temática água integrem Colegiados onde as discussões, debates e metas são sempre no sentido do fortalecimento da gestão por bacias hidrográficas e o produto obtido se qualifica sempre pela indução à políticas públicas no setor de tal modo a garantir disponibilidade e qualidade de água em todo território brasileiro.

A ampliação da informação através da REBOB tem proporcionado um aumento significativo na integração tanto de técnicos do setor como de pessoas comuns da sociedade civil interessadas em participar deste processo de gestão participativa desenvolvido em nosso país. É o cidadão comum se integrando nas decisões sobre como preservar a qualidade e quantidade da água e garantir assim este importante recurso para as gerações futuras.

Agora, com a definição de Brasília como sede do 8º Fórum Mundial da Água, a REBOB deverá intensificar nestes próximos quatro anos suas ações em rede integrando mais técnicos e profissionais do setor e mais pessoas comuns interessadas no tema com o foco sempre na grandiosidade do evento que teremos e na oportunidade de divulgar as boas práticas praticadas tanto no Brasil como em toda América Latina e países do Caribe, fundamentalmente pelos Organismos de Bacias Hidrográficas.



RIOB 2013 Fortaleza 2



Reunião Geral Anual dos Comitês de Bacia do Brasil



RIOB 2013 Fortaleza 1



ENCOB 1



www.aguasdobrasil.org



Cursos de Capacitação

O PAPEL DA SOCIEDADE CIVIL NA GESTÃO DAS ÁGUAS NO BRASIL



LUIZ FIRMINO MARTINS PEREIRA

Arquiteto Urbanista pela UFRJ, Mestre em Ciência Ambiental e Doutor em Geografia pela UFF com extensão na Universidade de Maryland - EUA. Atual Sub-Secretário Executivo de Estado do Ambiente e Governador Adjunto do Conselho Mundial da Água



Está sendo lançado este mês o livro “Controle Social das águas, o poder local como base do desenvolvimento, de autoria do arquiteto Luiz Firmino Martins Pereira. O livro mostra como a bacia hidrográfica da região dos Lagos e do Rio São João conseguiu galgar etapa por etapa, e se transformar num caso de sucesso da gestão das águas no Brasil, reconhecido inclusive fora do país, conforme publicação do programa mundial de água doce do WWF, que fez dele um estudo de caso, retratando-o como um dos melhores exemplos de gestão das águas no planeta.

Através da análise dos caminhos trilhados na Região dos Lagos, o livro oferece ainda um roteiro metodológico baseado na experiência local, que pode ser perfeitamente adaptado e aplicado em outras Bacias, mostrando que o Controle Social das águas é de fato um dos caminhos para um desenvolvimento cada vez mais sustentável.

Não é de hoje que tentativas de participação da sociedade nos processos decisórios em bacias hidrográficas são almeçadas por aqueles que frequentam, vivem e querem assegurar a qualidade de vida e do meio ambiente de alguma região. Embora a Política Nacional de Recursos Hídricos estabelecida na Lei 9433 de 1997, disponibilize todos os princípios e instrumentos para a implementação da gestão participativa nas Bacias, poucos são os casos que já contam com resultados efetivos.

O ex-ministro Carlos Minc que faz a apresentação do livro, enfatiza que ele traz uma narrativa vivida da construção do poder local no processo de gestão das águas na região dos Lagos, que mudou a história da laguna de Araruama. Afirma que o texto não vem de um observador acadêmico, mas de um ator essencial que conseguiu, com outras lideranças de ecologistas, professores, pescadores e alguns prefeitos visionários, organizar um Comitê de Bacia do rio São João, um Consórcio Intermunicipal, articulado com empresas e as concessionárias de saneamento, e colocou em prática no Estado do rio de Janeiro, a Política Nacional de Recursos Hídricos, a cobrança pelo uso da água, a gestão participativa, os conselhos, estas inovações que mudaram a percepção dos agentes públicos, privados e comunitários revelou as possibilidades de superação de problemas crônicos, como a ausência de saneamento básico.

Esta publicação sobre o modelo de gestão das Bacias Hidrográficas da Região dos Lagos e Rio São João, dá ênfase na forma de manejo, qualificando e quantificando seus resultados, de forma a perceber sua influência sobre o ordenamento territorial ambiental. Identifica ainda a oportunidade de aplicação da Agenda 21 em processos de gestão de bacias hidrográficas.

Portanto, desempenha papel bastante importante visando à consolidação da Política de Recursos Hídricos no Estado do Rio de Janeiro e no país. Fala-se aqui do interesse maior desta política, que reside no fato de uma comunidade poder discutir e interagir junto com seus entes federativos, e atores privados, no âmbito de uma bacia hidrográfica, os caminhos e as soluções para problemas que influenciam, diretamente, na qualidade de vida das pessoas que aí vivem.

O relato de situações em que o controle social nos processos de gestão ambiental vem aflorando e se consolidando, mostra que, efetivamente é possível mudar realidades bastante ruins, gerando reflexos incontestáveis como aconteceu com a recuperação da Lagoa de Araruama, que chegou a um intenso processo de eutrofização e se recuperou, recuperação esta resultante de ações de saneamento, de suspensão de processos extrativos predatórios, de efetivação de planos diretores, de Unidades de Conservação e de tantas outras situações que refletiam a inquietude da população diante da inércia dos poderes constituídos.



Os modelos de gestão por bacias hidrográficas estão evoluindo aos poucos no país. Sua concepção, embora baseada no modelo francês, prima por dar um cunho formal e oficial à participação da sociedade, garantido sua interferência no processo de tomada de decisão. O próprio usuário é chamado à reflexão de seus históricos descasos, de forma permanente, através de sua participação no processo, que inclui ainda o pagamento pelo uso do recurso natural (água). Já o governo, passa a ter que expor com clareza seus objetivos e limitações, e aprende, assim, a lidar com uma nova forma de governar mais democrática. Toda experiência que cerca um modelo como esse, que dá espaço para o efetivo controle social, é por si só importante e interessante, e merece ser estudado, em função da grande dificuldade que modelos participativos enfrentam para se consolidarem. Do ponto de vista do ordenamento territorial, verifica-se que barreiras clássicas político-institucionais estão sendo, finalmente, transpostas por um modelo que se afirme nos princípios e diretrizes resultantes do equilíbrio gerado pela participação efetiva da sociedade nas decisões.

Experiências como esta, colocam o Brasil em papel de destaque no cenário mundial, considerando ainda a diversidade de situações encontradas em um país continental como nosso que abriga diversos biomas.

Por esse motivo o Brasil tem assumido um papel cada vez mais relevante na tarefa de levar o tema das águas à pauta da sustentabilidade dos governos, e não por menos, conta hoje com quatro governadores no Conselho Mundial da Água, inclusive tendo um de seus representantes ocupando a presidência.

Por essas e outras características, o Brasil se colocou na condição de sediar o Fórum Mundial das Águas em 2018 na cidade de Brasília, a fim de mostrar ao mundo que não é só rico em água, mas também tem muito a mostrar sobre as práticas para a sua gestão.

ÁGUA & SEGURANÇA ALIMENTAR

Água e a Segurança Alimentar constitui um dos eixos temáticos que foram considerados para o VI Fórum Mundial da Água realizado em Marselha (França), no período de 12 a 17 de março de 2012 que inclui entre a multiplicidade de temas o binômio “Água e Alimentos”. Este tópico foi desenvolvido e apresentado de acordo com a premissa preceituada pelo Fórum que preconiza a busca por iniciativas e identificação de soluções baseado em experiências exitosas. Subsequentemente, este enfoque também teve o seu desdobramento na Conferência Rio+20, refletindo-se implicitamente no documento final do evento. Desta forma, o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura-IIICA, foi solicitado pelos organizadores da Seção Brasil-Conselho Mundial da Água (Organizador do Fórum Mundial da Água) de apoiá-la a nível regional e nacional nesta iniciativa.

O IICA é um organismo internacional especializado em agricultura e bem estar rural do Sistema Interamericano, com esforços voltados integralmente para a realização de uma agricultura competitiva e sustentável para as Américas. Com uma visão moderna sobre os desafios da agricultura, que compreendem a harmonização dos recursos naturais em equilíbrio com a manutenção das funções e serviços dos ecossistemas considerando os efeitos das mudanças climáticas na produção agrícola até a urgente necessidade de prover alimentos para a crescente população mundial.

CONTEXTO

A harmonização entre a produção de alimentos aliada à disponibilidade hídrica constitui um binômio que representa um desafio para a comunidade global, com a tendência crescente da população. A fome e a seca são outras realidades extremas que fazem parte do cenário de incertezas a ser contemplado na adaptação às Mudanças Climáticas. Diante deste contexto, a preocupação em



GERTJAN BEEKMAN

ertjan.beekman@iica.int

Consultor em Planejamento, Desenvolvimento e Gestão de Recursos Hídricos.

Coordenação de Recursos Naturais e Adaptação às Mudanças Climáticas – IICA-Brasil

identificar experiências exitosas e replicáveis, em prol do uso eficiente de água para a produção de alimento, se justifica pela sua relevância e valiosa contribuição para orientar as formulações de estratégias, fundamentando as tomadas de decisões para o combate da fome e a desertificação.

A harmonia Água-Segurança alimentar esta diretamente condicionada as condicionantes do ciclo hidrológico e a variabilidade das condições climáticas, o que sugere a necessidade de adotar-se políticas e práticas sustentáveis e essenciais para a mitigação dos efeitos da seca, e dos processos associados à desertificação, visando garantir a produtividade e a produção e o acesso ao suprimento adequado de alimentos. A adoção de estratégias para a gestão de riscos, compreendendo a previsão, prevenção e preparação para a ocorrência de situações extremas, sejam naturais ou resultantes de atividades humanas, torna-se imperiosa, para atender situações transitórias e emergências para atender os requisitos por alimentos.

O estabelecimento de estratégias e mecanismos de preparação, incluindo a obtenção de informações de

clima e tempo para os sistemas de alerta precoce, (secas, enchentes, desastres naturais, pragas) é decisivo para a produtividade sustentável da agricultura, pecuária-pesca e os sistemas produtivos diretamente dependentes dos insumos naturais.

Neste contexto, também é desejável a efetiva aplicação das informações de previsão para aumentar a eficiência e eficácia das atividades de preparação as emergências e correspondente capacidade de resposta com o intuito de promover sinergias e evitar possíveis duplicações de esforços ou redundâncias.

A variabilidade climática, como observada em anos recentes não representa uma novidade, e tem sido, e continuara sendo, o principal motivo para a inconstância na produção de alimentos globalmente, particularmente nas regiões semiáridas do planeta. Em conjunto com outros aspectos ou fatores, sejam físicos, político-econômico-sociais, a variabilidade climática contribui para o aumento da vulnerabilidade de economias locais e ao deslocamento de contingentes populacionais (nômades ambientais).

Em regiões onde a adoção de tecnologias adequadas é lenta ou impedida para contrapor os efeitos adversos das condições ambientais em constante mutação, a variabilidade climática representa o principal fator que afeta a produção de alimentos ou foco central da segurança alimentar.

CENÁRIO

O crescimento populacional e a intensificação das atividades humanas representam uma pressão sem precedente sobre as práticas de gestão dos recursos hídricos na América Latina e Região do Caribe.

A Agricultura, presentemente corresponde ao uso consuntivo de cerca de 70% da disponibilidade hídrica global. Enquanto a demanda por água na agricultura, apresenta um aumento contínuo o percentual disponível para este setor tem declinado significativamente e na área física abrangida pelo setor que pode ocorrer à maioria das intervenções para a melhoria, otimização e maximização da utilização deste recurso fundamental aos processos produtivos.

Estas tendências deverão se manter na próxima década, o que requer que o uso agrícola deste recurso seja eficiente. O objetivo primordial do IICA e a promoção do desenvolvimento sustentável da agricultura na região e o bem estar dos territórios rurais e das comunidades rurais visa assegurar um ambiente saudável para a sustentação da vida com qualidade.

O fator limitante, para alcançar plenamente este objetivo no século 21, refere-se ao acesso a água de boa qualidade para os sistemas de produção e respectivos processos. Neste sentido, as preceituadas oito Metas de Desenvolvimento do Milênio-MDM representam propósitos fundamentais no contexto dos seus dezoito objetivos e quarenta e oito indicadores e respectivas transversalidades com os recursos naturais e hídricos. A água desempenha um papel fundamental: na mitigação ou eliminação da pobreza e da insegurança alimentar; garantindo a sustentabilidade ambiental; a qualidade da saúde; na redução das desigualdades de gênero; ao propiciar uma qualidade de vida melhor para as populações que habitam os territórios urbanos e rurais.

A agricultura representa o setor crucial para países de economias emergentes sendo frequentemente o item de exportação mais relevante.

O setor da agricultura representa um consumidor importante dos recursos hídricos, diante deste quadro, o acesso limitado à água em quantidade/qualidade e distribuição geográfica e temporal de forma desigual, afeta sobremaneira a produtividade em muitas regiões, o que pode ser reconhecido como uma situação associada à variabilidade pluviométrica a ser exacerbada com as mudanças climáticas.

Atualmente, os sistemas de irrigação com baixo desempenho e práticas deficientes no uso da água, potencializam os cenários de escassez de água em diversos países. A irrigação e a ausência de drenagem podem redundar em salinização, assim como, a extração excessiva de água pode redundar em rebaixamento dos lençóis freáticos a níveis críticos. A utilização de pesticidas e fertilizantes na agricultura pode levar a contaminação das águas subterrâneas, ou ainda, a emissões e contaminantes atmosféricos. A melhor gestão dos recursos

naturais e necessária para a maximização da produtividade agrícola e minimização dos requerimentos hídricos para as culturas. Esta necessidade está se tornando imperativa com o crescimento populacional e demanda crescente por alimentos, sobretudo em países em desenvolvimento.

A cooperação técnica propiciada pelo IICA, aos países membros na região, tem levado em consideração os cenários descritos anteriormente representativos de um mundo real e atual. No entanto, devido o aumento das demandas de uma população em continuo crescimento, e a pressão exercida sobre os recursos natural, e vital que a resiliência ecológica seja mantida, prevenindo-se de todas as formas, qualquer possibilidade de rompimento das cadeias de produção, com o propósito de assegurar o paradigma do desenvolvimento sustentável.

Entre os temas prioritários de uma agenda mundial para este século, devem necessariamente constar o uso sustentável da água, o incremento da produção de alimentos e o desenvolvimento de alternativas energéticas. E a posição do Brasil em relação a cada um deles é altamente positiva.

No campo da produção de alimentos, o país apresenta significativo potencial para o uso intensivo e sustentável do solo. Exemplo disso é a difusão de tecnologias de integração entre lavoura e pecuária, por meio do uso alternado do solo para as duas atividades no mesmo ano agrícola.

Com o propósito de avaliar o cenário presente, no tema Água e Segurança Alimentar que se apresenta nas Américas, vis-à-vis, a contribuição ao eixo temático do VI Fórum Mundial da Água, identificou-se a necessidade de gerar uma ferramenta\questionário que permitisse que diversas outras entidades públicas e privadas, da sociedade civil organizada, conselhos de segurança alimentar, institutos de pesquisa e universidades, dos 34 países membros do sistema americano, apresentassem suas experiências.

O questionário foi disponibilizado no endereço eletrônico <http://www.surveymonkey.com/s/aguaealimento>, que permite o acesso em qualquer país. Para a participação efetiva dos 34 países das Américas, o questionário foi traduzido para o Inglês e Espanhol.

Desta maneira constituiu-se um banco de dados com informações de diversas entidades de diferentes países americanos com perguntas orientativas, que permitiu identificar boas práticas e aspectos técnicos adequados e adaptados às condições e necessidades de cada região.

O questionário visou questões relevantes como: a existência de ações inovadoras reuso e reciclagem da água, práticas para a gestão integrada dos recursos hídricos, atividades de controle e recuperação ambiental para valorar os serviços ecossistêmicos que promovem a produtividade hídrica. Além de buscar identificar metodologias aplicadas, ações de controle ou redução da pegada hídrica. Eventuais enfoques sobre “água virtual” como componente de planejamento nos projetos foram considerados, assim como, ainda se consideraram questões sobre realocação de água para a agricultura resultante de conflitos e interesses setoriais pelos usos múltiplos da água.



Desde, quando foi publicado via web, o questionário permitiu levantar diversos projetos de diferentes países das Américas, dos quais foi possível extrair um listado de recomendações ou constatações: As experiências brasileiras apresentadas pelas entidades gestoras e/ou executoras foram fortemente relacionadas com a agricultura familiar, pequenas propriedades e populações de baixa renda e estão descritas a seguir.

- Estimular iniciativas que visem à economia solidária para a geração de renda e diminuição da pobreza, favorecendo um aumento da autoestima e dignidade dos agricultores. No qual fortaleça diretamente as bases do associativismo e do cooperativismo, permitindo a valorização do ser humano e não apenas a geração do capital de forma isolada.
- Promover a segurança alimentar e nutricional das famílias rurais e suburbanas que estão em condições de pobreza extrema e fome. Por meios de incentivos ao desenvolvimento participativo de ações e estimular o conhecimentos de fundamentos agroecológicos. A partir da implementação de tecnologias sociais, ou seja, de baixo custo e eficientes, tais como: a confecção de quintais agroecológicos e a utilização de kits de fertirrigação, e o intercâmbio de experiências entre regiões vizinhas.
- Permitir a produção dos próprios insumos fertilizantes dentro da propriedade de cada agricultor. Esta prática favorece a autonomia produtiva, a qualidade dos alimentos produzidos, a diminuição de custos já que não há necessidade de comprar fertilizantes de outras regiões muitas vezes afastadas ou adubos químicos que degradam o ambiente. Além de proporcionar uma gestão de resíduos orgânicos através de práticas de compostagem ou vermicompostagem. Contribuindo ainda para a redução da poluição do solo e da água por meio da decomposição da matéria orgânica em conjunto com outros resíduos recicláveis ou tóxicos.
- Fortalecer a agricultura familiar que incentiva a fixação das famílias no campo. Com a execução de boas práticas ambientais, de uso eficiente dos recursos naturais, que aumenta a produtividade com qualidade, sendo assim, possibilita a sobrevivência e a geração de renda das famílias rurais.
- Fomentar o empreendedorismo no campo por meio do cooperativismo e associativismo. Transformando os interesses individuais comuns em interesses coletivos que além de aumentar a representatividade, também favorece a competitividade dos produtores regionais quando participam de uma organização.
- Harmonizar e proporcionar que os pequenos produtores participem de parcerias e/ou envolvimento com programas governamentais.
- Disseminar os conceitos de agroecologia e agricultura orgânica, que promovem a inclusão social e proporcionam melhores condições econômicas aos agricultores.
- Fomentar a participação dos agricultores familiar no processo de elaboração de políticas públicas, instrumento que auxilia na melhoria da qualidade de vida dos mesmos. Por meio de reflexões, troca de conhecimento e participação popular organizada a fim de influenciar a proposição de diretrizes agroambientais em prol da: segurança alimentar, uso eficiente dos recursos naturais e da agroecologia.
- Permitir sempre que o público alvo do projeto tenha a sua participação permanente no desenvolvimento do projeto, nas diversas etapas como no planejamento, execução, monitoramento, sistematização e avaliação das ações executadas na região pelo projeto. Contribuindo assim para a valorização da cultura e hábitos da população sem esquecer-se da inclusão gradual de novos hábitos e costumes mais saudáveis.
- Fomentar cada vez mais a valorização do papel da mulher e do jovem no campo, e incentivá-los a participar ativamente dos processos de construção do conhecimento e execução das boas práticas, sem diferenciação de gênero.

A quem pertence a água?



SÉRGIO ANTUNES

Procurador Chefe do Departamento de Águas e Energia Elétrica do Estado de São Paulo

Escritor de amenidades e autor de textos jurídicos publicados em revistas especializadas

A quem pertence a água? A quem pertence o precioso líquido, assim chamado pelos locutores esportivos? A quem pertence a água que move moinhos e no dizer da música de Guilherme Arantes, “que nasce na fonte serena do mundo e que abre um profundo grotão, água que faz inocente riacho e deságua na corrente do ribeirão”?

Deixando a Poesia de lado e indo para o Direito, a resposta pode ser dada pela Constituição Brasileira, no artigo 20, item “III”, que assim responde: “São Bens da União: os lagos, rios e quaisquer correntes de água em terrenos do seu domínio, ou que banhem mais de um estado, sirvam de limites com outros países, ou se estendam a território estrangeiro ou dele provenham, bem como os terrenos marginais e as praias fluviais.

Mas o Brasil, como se sabe, possui três esferas de Administração: a União, os Estados e os Municípios. E é por isso que a mesma Constituição, no artigo 26, I, estabelece que “incluem-se entre os bens dos Estados as águas superficiais ou subterrâneas, fluentes, emergentes e em depósito”.

Quer dizer que aquela água quentinha que brota da fonte e faz a delícia dos hóspedes do hotel, é do Estado aquela água? Não, porque aquela é água considerada recurso mineral, em razão das propriedades medicinais. E estas, as águas minerais, pertencem à União, assim estabelecido pelo inciso IX do artigo 20 da Constituição Federal.

E a água do Ribeirão? Bom, a água do ribeirão, onde um dia foram pescados cascudos e lambaris e a molecada apanhava sapo para vender as fêmeas para os laboratórios que faziam exame de gravidez, esta água também é do Estado de São Paulo, pois nasce e deságua nos limites paulistas. Neste caso, é fácil deduzir, as águas do Tietê, que nasce



em Salesópolis, perto da Capital e deságua no Rio Paraná, em território paulista, pertencem também ao Estado de São Paulo. Assim como as suas margens.

Pertencer, na verdade é modo de dizer. As águas, tanto dos chamados rios federais, como dos rios estaduais, pertencem ao povo, cabendo aos entes administrativos a sua gestão, por se tratar de bens de uso comum.

Então, trocando em miúdos, se eu quiser usar a água do Rio Tietê, ou do subsolo, por intermédio dos poços, eu devo fazer o que? Escrever um e-mail para o Dr. Geraldo?

Resposta: a Lei nº 9.433/97, no seu artigo 12, estabelece que o uso das águas, sejam elas superficiais ou subterrâneas, depende de licença do Poder Público. Tal licença se chama outorga.

No Estado de São Paulo, temos nossa própria legislação. A Lei Estadual 7.663, de 30 de dezembro de 1991, ao tratar do tema, assim legisla:

“Art. 10: Dependerá de cadastramento e de outorga de direito de uso a derivação de águas de seu curso ou depósito, superficial ou subterrâneo, para fins de utilização no abastecimento urbano, industrial, agrícola e outros...”

O Decreto Estadual 32.955, de 7 de fevereiro de 1991, também pertinente, assim está redigido: “Art. 7º: Cabe ao Departamento de Águas e Energia Elétrica – DAEE, a administração das águas subterrâneas do Estado, nos campos de pesquisa, captação, fiscalização, extração e acompanhamento de sua interação com águas superficiais e com o ciclo hidrológico”

Então, ao invés de mandar um e-mail ao Dr. Geraldo, quem quiser usar os rios de São Paulo deve pedir uma outorga à Autarquia Estadual e, pronto, estamos conversados.

E a SABESP, que fura poço, capta água do rio, a trata e a vende à população, também tem que pedir outorga ao DAEE? A RESPOSTA É SIM.

E a AES Eletropaulo, que explora a energia elétrica produzida pelas barragens construídas no rio, também tem que pedir licença para o DAEE. Sim, a resposta é, de novo, sim.

Mas, produzir eletricidade, não depende de concessão da União?, objetariam alguns. Sim. Mas uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa, como dizia o filósofo do botequim.

COMO ASSIM?

Voltemos à Constituição. O mesmo artigo que trata da propriedade das águas, também trata da propriedade da energia hidráulica. E, neste caso, dispõe o artigo 20, que é da União o potencial de energia hidráulica.

Mas, reparem. É só a energia gerada pela água que é da União. A água continua sendo ou do Estado ou da União.

Então, estará perguntando o leitor, se a água do Rio Tietê (e suas margens) pertence ao Estado e este dá ao DAEE a incumbência de administrar tal bem, por que a AES, está movendo milhares de ações contra os proprietários de áreas ribeirinhas, para promover a desocupação?

Será que é porque é a AES a sucessora da CESP, que desapropriou e pagou pelas áreas que se compreendem na cota de inundação?

Sim, é provável que sim. E aí é que reside o erro.

Quando houve a desapropriação para encher a barragem, assim como outras, a CESP pagou pelas terras que seriam inundadas. Aí ela se tornou proprietária. Mas, com a inundação, a terra desaparece, virando rio, lago, represa ou como queiram chamar (e sua margem). O proprietário perde a propriedade a favor do Estado. Se alguém tem dúvida, é só olhar o Código Civil, artigo 1.276, para ver que o perecimento da coisa por inundação é uma das formas de perda da propriedade.

Então a AES seria incompetente para promover as ações? Teria ela direito em razão de alguma portaria de algum órgão federal?

Prefiro que o leitor chegue à conclusão. De qualquer modo, apenas mais uma dica. Nada tem mais valor que a Constituição. Se alguma lei ordinária ou, menos que lei, uma portaria, resolução ou determinação qualquer, emanada de quem quer que seja, contrariar a Constituição, por favor, fique com a Constituição e estará bem acompanhado.

águas em movimento

PARTICIPE!



SANTOS-SP

abril

24 e 25
de abril

FEIRA DE SANTANA-BA

agosto

12 a 15
de agosto

FORTALEZA-CE

novembro

03 a 06
de novembro

MACEIÓ-AL

novembro

24 a 28
de novembro

CORÉIA DO SUL

2015

12 a 17
de abril



mais eventos em nosso site:

www.rebob.org.br

Confira como é fácil acessar e compartilhar nossa revista na internet:



revista on-line

visite: WWW.AGUASDOBRASIL.ORG

1 **Acesse:**
www.AGUASDOBRASIL.org
e clique na miniatura da
edição desejada.

2 **Explore:**
com um duplo clique você
poderá ampliar a imagem para
melhor leitura.



3 **Compartilhe:**
Clicando no ícone "e-mail"
(próximo as miniaturas de
páginas) você poderá
compartilhar a revista nas
redes sociais ou
encaminhar por e-mail.



8º
Fórum Mundial
da Água

Brasília-Brasil
2018

PARABÉNS AO CONSELHO MUNDIAL, AO BRASIL E A BRASÍLIA!